
Etnografia de uma praça – observando o idoso em Copacabana

Mayara Gonzalez de Sá Lobato



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/210>

DOI: 10.4000/pontourbe.210

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Mayara Gonzalez de Sá Lobato, « Etnografia de uma praça – observando o idoso em Copacabana », *Ponto Urbe* [Online], 9 | 2011, posto online no dia 01 dezembro 2011, consultado o 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/210> ; DOI : 10.4000/pontourbe.210

Este documento foi criado de forma automática no dia 19 Abril 2019.

© NAU

Etnografia de uma praça – observando o idoso em Copacabana

Mayara Gonzalez de Sá Lobato

Introdução

- 1 O objetivo do presente artigo é apresentar uma etnografia sobre a praça Serzedelo Correia, localizada no bairro de Copacabana. Considerando que desenvolvo meu projeto de dissertação de mestrado sobre o processo de envelhecimento neste bairro, localizado na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, realizei uma etnografia em uma de suas praças. Como sou moradora do bairro já havia atentado em momentos anteriores para a concentração de idosos nessa praça, o que a tornou para mim um lugar fértil para investigações antropológicas, a ponto de ser objeto de um relato etnográfico. Apresento ainda uma reflexão teórica e metodológica sobre o “fazer etnográfico”.
- 2 A minha escolha pelo bairro de Copacabana se deu por algumas razões. Por ser moradora do bairro, sempre tive muita curiosidade por ele. Copacabana me fascinou pela heterogeneidade dos moradores, espaços e moradias, como também provocou algumas angústias em relação a seus problemas de trânsito, violência, prostituição. Aliada a essa curiosidade pessoal, depois do meu início no curso de ciências sociais comecei a olhar o bairro com o pensamento de que ele poderia ser objeto de um trabalho acadêmico. Quando iniciei o curso de mestrado, senti a necessidade de mudar os temas que vinha estudando até então. Conversando com minha orientadora, que estava voltada para os estudos sobre gênero e envelhecimento, percebi que era o momento de estudar Copacabana. Afinal, meus anos no bairro me mostraram que ele tem uma relação muito estreita com os que envelheceram. Minhas pesquisas iniciais mostraram que eu poderia ter razão. Há um imaginário sobre Copacabana ser o bairro do e para o idoso.
- 3 “Capital da terceira idade”, “Paraíso do idoso” (<http://veja.abril.com.br/vejarj/070606/comportamento.html>). Muitos são os títulos concedidos ao bairro de Copacabana. A Organização Mundial de Saúde (OMS) escolheu Copacabana como laboratório para um estudo que busca soluções para melhorar a qualidade de vida dos idosos nas grandes

idades, tendo desenvolvido o projeto “Porteiro Amigo do Idoso”, que visa habilitar os porteiros dos prédios a ajudar o morador idoso. (<http://www.rj.senac.br/webforms/SenImprensaDetalhe.aspx?pSecaoid=80&pInfoID=4035>) Além das representações elaboradas sobre o bairro, a Região Administrativa (RA) que mais concentra idosos é a de Copacabana, com 27,2% da sua população. Ela é seguida por Paquetá com 21,2% e pela Tijuca com 21,1%.

- 4 81% dos idosos se encontram nos espaços urbanos, segundo os dados do Censo do ano de 2000 coletados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (www.ibge.gov.br). O grau de urbanização do idoso tem aumentado ao longo do tempo, como apontam os dados. A proporção de idosos residentes nas áreas rurais caiu de 23,3%, em 1991, para 18,6%, em 2000. Especificamente, focarei a cidade do Rio de Janeiro, que é a capital do Brasil que abriga a maior proporção de idosos, 12,8%, sendo seguida por Porto Alegre, com 11,8%. Penso, nesse sentido, ser fundamental para compreender o idoso analisar o espaço em que a grande maioria reside, assim como é importante para compreender o espaço urbano observar como esses moradores utilizam esse espaço.

Etnografia de uma praça – observando o idoso em Copacabana

- 5 Em um de meus dias livres, ou seja, sem aulas do mestrado, me dirigi até a praça. Ela fica localizada na Avenida Nossa Senhora de Copacabana (a mais importante e movimentada rua do bairro, pois é onde transitam as principais linhas de ônibus do bairro e onde também se localizam as principais lojas, centros comerciais e supermercados) entre as ruas Siqueira Campos e Hilário de Gouveia. No caminho até a praça que fica cerca de seis quadras de minha casa hesitei em fazer o campo neste dia, pois estava mais calor nesse dia do que nos dias anteriores, mesmo sendo dez horas da manhã. Acreditava que esse fator poderia prejudicar minha etnografia, pois não pensava encontrar muitas pessoas presentes no local. Na minha concepção, quanto maior o número de pessoas no local, maiores as chances de encontrar situações que poderiam compor um relato etnográfico que pudesse suscitar questões para o desenvolvimento de minha dissertação. Para minha surpresa, não foi o que ocorreu.
- 6 Ao chegar à entrada da praça já pude perceber muitas pessoas no ambiente. Minha impressão de que eram muitas foi elaborada pela imagem dos bancos quase todos ocupados e de algumas pessoas em pé. Infelizmente, não contei quantas eram, mas posso dizer que deviam ser de 30 a 40 pessoas. A praça é cercada por grades, apresentando um grande portão que durante o funcionamento do local fica aberto. No entorno da praça pode-se vislumbrar uma igreja, bares e prédios comerciais e residenciais. Ela ocupa todo um quarteirão e em sua calçada transitam pedestres e perto da igreja se encontram algumas pessoas sentadas em caixotes, vestidas com roupas sujas ou gastas, o que indica para a possibilidade de serem mendigos.
- 7 Entrei e me sentei em um banco na sombra, ao lado de um senhor idoso que lia o jornal. Pelos cabelos brancos e rugas acredito que tinha mais de 65 anos. Para a Política Nacional do Idoso, Lei N. 10.741 de (<http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/2003/L10.741.htm>) estatuto do idoso, são considerados como tais indivíduos com mais de 60 anos de idade. Considerei que me sentando perto de alguém poderia obter informações sobre o cotidiano da praça. O tempo que estava um pouco abafado do lado de fora da praça não era o mesmo

que eu percebia lá dentro. A presença de muitas árvores, em contraposição a quantidade existente na Avenida Nossa Senhora de Copacabana, amenizava o clima e freqüentemente até podia sentir o vento, que por sua vez fazia com que muitas folhas caíssem sobre os que ali se encontravam. De posse de meu caderno comecei a fazer anotações sobre o que ali eu observava.

- 8 A praça me parecia dividida em duas partes: de um lado se encontrava uma pequena construção semelhante a uma casa onde ficavam os guardas municipais que faziam a ronda do ambiente, assim como alguns bancos. Identifiquei que eram guardas municipais e não policiais militares ou do Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar (BOPE) pelo uniforme que utilizavam. Do outro lado se encontrava o parquinho de crianças com vários brinquedos e uma pequena academia ao ar livre cujo uso preferencial é para as “pessoas da melhor idade” (é uma placa da prefeitura que nos informa). Essa placa se encontra no meio dos equipamentos para ginástica e será analisada mais adiante. Havia também diversas mesas de concreto com banquinhos e uma cobertura onde muitos se aglomeravam para jogar. Essas pessoas estavam muito próximas umas as outras, focadas principalmente no jogo e não olhavam para os lados ou prestavam atenção no que ocorria no entorno. Como não me aproximei das mesas não pude saber o que exatamente elas jogavam. Um sanitário público também estava disponível no local.
- 9 Observei que a grande maioria dos presentes no local era formada por idosos, ou seja, aqueles que estavam sentados nos bancos conversando, jogando ou na pequena academia. Algumas crianças brincavam no parquinho e seus acompanhantes ou eram idosos ou pareciam ser babás. Elaborei a idéia de que podiam ser babás, pois esse tipo de funcionário costuma se apresentar com roupas brancas, como se apresentavam os que ali eu percebia. Percebi também a presença de pessoas que chamo aqui de “avulsas”. Elas não conversavam com nenhuma outra pessoa, não interagiam, pareciam estar ali apenas aguardando algum compromisso, o acompanhante chegar ou o fim do horário de almoço. Deduzi que essas eram as possíveis intenções daquelas pessoas, pois elas estavam ali fazendo nada, apenas sentadas. Tentei imaginar o que uma pessoa faz em uma praça sem ser jogar, conversar com os amigos, caminhar, ler ou um trabalho para o mestrado. A espera me pareceu a única resposta possível, mas acredito que possam existir outras.
- 10 A praça Serzedelo Correia também possui um nome popular pela qual é conhecida por muitos: “a praça dos paraíbas” (<http://www.jornalcopacabana.com.br/ed89/vozcopacabana.php>). O termo é utilizado pela mídia e pelos moradores em referência aos inúmeros operários de origem nordestina que ali descansavam após o almoço durante a época de crescimento do bairro repleto de obras e construções de novos prédios. Um homem com aparência de bêbado, bastante sujo e sem os sapatos dorme em um dos bancos. Considero esse um dos “avulsos”, pois utilizo essa categoria para classificar as pessoas que estão na praça sem interagir com ninguém.
- 11 Percebo, na praça, uma divisão dentro do grupo dos idosos. Os que se ocupam do jogo de cartas nas mesinhas de concreto são em sua maioria homens. Apenas uma mulher joga com eles e ela parece ser relativamente mais nova que seus parceiros de jogo. As mulheres idosas, por sua vez, se encontram sentadas em um banco conversando, algumas em cadeiras de roda contando com a presença de suas acompanhantes. Assim como as babás, classifico essas pessoas como acompanhantes, pois aparentam ser bem mais novas que essas mulheres de mais idade e também usam roupas brancas, indicando que são funcionárias, possivelmente do ramo da saúde. Vejo pouquíssimos idosos sozinhos: os que assim se encontram lêem jornais ou parecem estar em condições de saúde bastante

deterioradas, impedindo, provavelmente, sua interação com os presentes. Estes últimos estão apenas com seus acompanhantes, pois se encontram em cadeiras de rodas, o que dificulta a locomoção. Um grupo de seis idosos se encontra na pequena academia ao ar livre; eles conversam enquanto fazem exercícios.

- 12 O jogo de cartas apresenta uma dinâmica diferenciada da dinâmica do bate-papo ou da ginástica. Na interação pode-se perceber certo nível de intimidade entre os jogadores. Os que não estão jogando observam o jogo dos que participam e conversam entre si, comentando o movimento das cartas. Eles circulam entre as mesas, não focalizando apenas um grupo de jogadores. A presença de luzes na pequena cobertura acima das mesas indica que o jogo pode vir a se estender até o anoitecer, visto que a praça tem como horário de funcionamento das 6h às 19h. Durante o tempo que ali permaneci presenciei algumas discussões exaltadas por causa das cartas. O passatempo me parece ser levado bastante a sério, considerando que os jogadores levam para a praça um pano de feltro verde para que as cartas não sejam arranhadas pela mesa de concreto. Além desse indicador, poucos estão rindo ou olhando para o que se passa na praça: o foco está no jogo. Algumas discussões também apontam para a seriedade do jogo.
- 13 O jogo, por sua vez, não parece ser apreciado por todos. Apesar de não ter conversado com o senhor que estava ao meu lado prestei bastante atenção quando ele conversava com outras pessoas que vinham cumprimentá-lo. Três ou quatro pessoas pararam ali, chamando-o pelo nome e trocaram algumas palavras, indicando familiaridade com aquele senhor. Um dos senhores que conversava com ele reclama bastante dos seus problemas de saúde. Diz que não poderá continuar jogando naquele dia, pois seus pés doem muito quando permanece muito tempo sentado.
- 14 O senhor ao meu lado reclama, dizendo que para muitos o que deveria ser um passatempo acaba se tornando um vício. Uma frase sua é bastante significativa sobre o universo significativo desses idosos, seja o envelhecimento, a preocupação com a saúde e o corpo, assim como o vício em jogos: “Veja, Atílio estava ali rondando doidinho para jogar. Ih, olha ele lá, já está jogando”. Na continuação da conversa os dois senhores acabam revelando fatos nem sempre agradáveis da praça, como o caso de um senhor que teve um AVC na outra semana e teve que ser socorrido.
- 15 A academia ao ar livre também é um espaço dentro da praça freqüentado pelos idosos. Diversos idosos se encontram ali, seja utilizando os aparelhos disponíveis ou então se alongando. Não saberia denominar os aparelhos, mas alguns eram utilizados para exercícios aeróbicos que movimentam braços e pernas (aparelhos elípticos), enquanto outros auxiliavam no alongamento do corpo. Observei que a grande maioria não se encontra com roupas apropriadas para os exercícios, mas sim com calças jeans, sandálias e chinelos e até mesmo carregando bolsas. Pela minha experiência em academias, mesmo sendo fechadas e não ao ar livre, é comum e indicado por profissionais o uso de tênis, meias, roupas confortáveis e que estiquem, com as mãos livres para o uso dos aparelhos.
- 16 Alguns parecem estar bastante “familiarizados” com a pequena academia, enquanto outros se encontram meio “perdidos”, sem saberem como começar. Os que considero “familiarizados”, chegaram e se dirigiram diretamente aos aparelhos, iniciando o exercício imediatamente. Os “perdidos” ficavam andando em volta dos aparelhos, como se procurassem algum manual ou ajuda, iniciando apenas quando alguém tentava explicar, mesmo que de longe. Assim, quando uma senhora começa a utilizar um aparelho, mas demonstra não conseguir utilizá-lo corretamente, os outros que ali se

encontram logo se prontificam e explicam como usá-lo, apontando para a existência de uma afinidade entre aqueles freqüentadores

- 17 A prefeitura disponibiliza uma placa mostrando alguns alongamentos que devem ser feitos antes dos exercícios, mas não há ninguém no local disponível para ajudar os idosos ou alguma placa mostrando como usar os aparelhos. Em academias ao ar livre existentes na orla carioca pude observar profissionais cujo trabalho é auxiliar as pessoas na execução dos exercícios. A partir dessa minha experiência prévia, esperava que o mesmo tipo de auxílio pudesse estar disponível para aqueles idosos. Os aparelhos, por sua vez, se encontram em excelente estado de conservação, e isso me causou estranhamento, pois a proximidade com o mar costuma provocar ferrugem nos objetos. Observei também um senhor que aparentava mais de 70 anos e que se alongava de forma tão “elástica” que acho que eu nunca conseguiria imitá-lo. A imagem que possuo de uma pessoa idosa, tendo em mente meus familiares e vizinhos, é de alguém com limitações para se exercitar, correr, alongar. Aquele senhor estava do lado oposto dessa imagem que elaborei a partir de minhas experiências.
- 18 Os idosos que se encontram no parquinho com as crianças não interagem com os outros idosos que estão na praça, mas apenas com as crianças. Estavam sentados no espaço do parquinho e ali permaneceram durante o tempo em que os observei a preocupação com seus possíveis netos tomam-lhes todo o tempo. Próximo ao meio-dia, quando toca o sino da igreja que se encontra em frente à lateral da praça, muitos deles se retiram do parquinho, provavelmente para dar almoço aos netos ou realizarem outras atividades. Uma situação engraçada (por que não, trágica) se deu quando uma senhora de bastante idade empurrava o carrinho de bebê de sua neta enquanto ela corria em direção à rua. A senhora gritava bastante alto pelo nome da criança enquanto esta corria sem nenhuma preocupação. Bem próximo da saída da praça, a criança pára e espera, enquanto a senhora vem andando bastante rápido e brigando com ela.
- 19 De fato, esse foi o único episódio que tirou a calma da praça por alguns instantes, quando os freqüentadores acompanhavam o desenrolar da história, com exceção dos que estavam envolvidos no jogo. Mesmo com a discussão do jogo nenhuma pessoa presente na praça pareceu prestar atenção ou se importar, como se fosse algo comum aquela rotina. O homem bêbado sujo quando se levanta e percorre toda a praça até a saída não me pareceu ter importunado os que ali estavam, pois estes não olharam para ele. Porém, poderia ter perguntado se a presença dele poderia estar incomodando alguém.
- 20 Sobre as senhoras que conversam em grupo em um dos bancos grandes que ficam ao redor da pequena academia, não consegui detectar sobre o que conversavam. Parecia ser um grupo restrito de pessoas, que se viam com bastante freqüência e não havia nenhum outro banco perto para me sentar. Percebi certa familiaridade entre elas, pois gesticulavam bastante, riam e pareciam estar animadas, indicando que pelo menos não haviam se conhecido naquela manhã. Achei que poderia ser inconveniente tentar adentrar o grupo e indagar alguma coisa. Preferi apenas observá-las de longe.
- 21 Logo quando entrei na praça vi uma placa da Prefeitura informando que não era permitida a presença de ambulantes, assim como de cães sem coleira. Durante meu período de observação percebi caminhando pela praça dois vendedores com carrinho de sorvete, conversando normalmente com muitos dos idosos, chamando-os até pelo nome. Esse fato comprova que a regra nem sempre é cumprida e nem mesmo imposta, pois os guardas municipais presentes não questionaram os vendedores em nenhum momento. Estes, por sua vez, mesmo com a presença da placa, caminhavam pela praça anunciando

seus sorvetes e com uma tranqüilidade possivelmente gerada pela sensação de que nada lhes iria ocorrer. Notava essa tranqüilidade na forma como caminhavam e conversavam com os presentes.

- 22 Sobre as pessoas “avulsas” que se encontravam na praça, incluindo o homem bêbado, pode-se tentar compreender porque elas ali se encontram. O barulho da Avenida Nossa Senhora de Copacabana provocado pela grande quantidade de ônibus, caminhões, vans e carros, junto ao calor e poluição, torna o caminhar no bairro ou a espera de alguém um verdadeiro tormento. Aponto o portão de entrada da praça como um símbolo da passagem de um ambiente conturbado para um ambiente diferente. A praça, por sua vez, apesar de se localizar nessa mesma avenida, parece se encontrar em outro tempo, outro local. Ela é bastante silenciosa, arborizada e tranqüila, um convite ao sono dos que acabaram de almoçar ou que apenas descansam antes de um compromisso.
- 23 Percebo que mais algumas horas na praça ou dias poderiam me fornecer maiores informações sobre a dinâmica daquele local. Conversar com alguém que ali passasse suas tardes também poderia ser um exercício produtivo para a elaboração de um relato etnográfico.. Nas poucas horas que ali permaneci não tentei conversar com ninguém. Acreditava que para o exercício proposto uma observação atenta e meticulosa era suficiente. Poderia ter conversado com o senhor que permaneci ao lado quase todo o tempo. Mas quando percebi que podia ouvir tudo o que ele falava com as outras pessoas e que mesmo lendo o jornal muitos vinham cumprimentá-lo e falar sobre como estava o dia e a praça, achei melhor observá-lo do que com ele interagir. Ao mesmo tempo, percebo que mesmo não tendo conversado com esse senhor, posso ter interagido com ele durante todo o tempo que ali permaneci. Elaborei categorias, mesmo que mentalmente, sobre quantos anos poderia ter, sobre o que achava da praça, sobre o que poderia estar lendo no jornal. Talvez ele também tenha feito o mesmo comigo, tentando imaginar o que uma jovem de jeans e tênis fazia com um caderno e uma caneta naquela praça, naquele momento.
- 24 Notei que minha presença na praça em alguns momentos era estranhada pelos idosos ou possíveis babás que se encontravam no parquinho. Principalmente quando procurava observá-los recebi alguns olhares desconfiados. Tive essa sensação, pois os olhares eram insistentes, procurando me analisar como eu tentava analisá-los. Com um caderno em mãos e observando crianças, poderia haver uma preocupação com a segurança delas se considerarmos que hoje em dia há casos de seqüestro e crianças desaparecidas que são diariamente veiculados no meio midiático (<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT363359-1653,00.html>). Quanto aos outros presentes não notei nenhum olhar desconfiado.
- 25 A praça Serzedelo Correia é um espaço do bairro de Copacabana extremamente frutífero e interessante para se analisar a relação dos idosos moradores do bairro com o espaço público. A forma com que eles se apropriam daquele espaço, a frequência com que costumam se encontrar, as redes de sociabilidade que são formadas e entre tantos outros elementos que compõem suas rotinas pode, de fato, nos informar sobre seus processos de envelhecimento e também sobre suas diferentes inserções em uma metrópole como o Rio de Janeiro.

Refletindo teoricamente a escrita etnográfica

- 26 Mariza Peirano (1995) apresenta-se como uma defensora do fazer etnográfico, se posicionando contra as críticas que apontam para um possível relaxamento do rigor científico desse método. Para a autora, a pesquisa de campo possui a peculiaridade de não poder ser ensinada como assim o são os métodos estatísticos, os surveys e a aplicação dos questionários. Essa peculiaridade reside no fato da pesquisa estar atrelada a biografia do pesquisador, ao contexto teórico que a antropologia está inserida naquele momento, assim como as situações específicas vividas no campo e que não podem ser antecipadas em sala de aula.
- 27 Nesse sentido, a etnografia que realizei sobre a praça teria sido muito diferente se eu morasse em outro bairro que não fosse da Zona Sul da cidade, se eu estivesse escrevendo na década de 60 e se eu estivesse no início da graduação e não no primeiro ano do mestrado. Ela seria diferente porque destacaria certos elementos para os quais não apontei ou igualmente eu não destacaria os que assim o fiz. Os anos em que passei na graduação, assim como este ano no mestrado, possibilitaram que eu lesse os principais teóricos da disciplina antropológica e sociológica, que durante a realização do trabalho de campo estavam me informando sobre quais elementos eu deveria prestar atenção, quais seriam importantes para a escrita do relato etnográfico e quais apontavam para uma série de relações que poderiam extrapolar o espaço da praça. Da mesma forma, o contexto espacial e temporal ao qual pertencço me insere em um conjunto de paradigmas teóricos e metodológicos da antropologia que influenciam e direcionam meu trabalho.
- 28 Não somente minha socialização no meio acadêmico, mas também familiar e social conduziram minhas observações, anotações e relatos, o que aponta para essa peculiaridade do trabalho de campo. Morar na “Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro” implica não apenas um posicionamento geográfico no contexto da cidade, mas também a elaboração de pré-noções relacionadas a um *ethos* do morador da Zona Sul. Como cientistas sociais não devemos naturalizar os aspectos do lugar, mas sim nos perguntarmos quais os significados sociais de se morar em Copacabana, Ipanema, Leblon e outros bairros da Zona Sul. Em relação à Copacabana, ter morado no bairro por 22 anos implica que minhas impressões sobre meus objetos de estudo estarão condicionadas a uma socialização em um bairro cosmopolita, com ampla diversidade religiosa e sexual, identificado com um estilo de vida sofisticado e moderno e com amplos recursos urbanos, como nos aponta Gilberto Velho (2006).
- 29 As impressões que o antropólogo obtém do campo, para Peirano, não são apenas apreendidas, mas exercem impacto em sua personalidade. Quando vamos a campo não voltamos com as mesmas concepções e impressões que tínhamos no momento anterior. Na minha pesquisa, imaginava que encontraria uma praça com idosos jogando cartas, conversando e lendo jornais, e essa expectativa era guiada pelas minhas pré-noções sobre como se configura o cotidiano de uma praça em um bairro onde a cada dez habitantes três possuem mais de 60 anos (http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairros Cariocas/index_bairro.htm). No entanto, me deparei com uma diversidade de outros atores que não considerava que poderiam ter algum significado naquele contexto, como os guardas municipais, os mendigos do entorno da praça, as pessoas que estavam sozinhas, assim como acompanhantes e babás. Dessa forma, minha concepção sobre um determinado

espaço da cidade foi alterada, fazendo com que eu não possa mais ver aquela praça através do mesmo olhar que eu possuía antes de ir a campo.

- 30 Edmund Leach, refletindo sobre o “fazer etnográfico”, também pode nos ajudar a pensar sobre o processo de tradução do que é observado em campo para a escrita etnográfica. Para o autor:

O antropólogo social, no campo, dedica os seus esforços a tentar compreender não só a língua falada do povo com que contata, mas também todo o seu modo de vida. E isso, em si, é um problema de tradução, de encontrar categorias na sua maneira de pensar, que possam ser ajustadas ao conjunto de fatos observados que registrou. Mas isso é só o princípio. Tendo, segundo espera, ganho conhecimentos daquilo que observou, passa a ter a seguir a tarefa de traduzir tudo isso para a língua que os seus leitores, que não participaram na sua experiência pessoal, muito razoavelmente esperam entender. (Leach, 1982, p. 50)

- 31 Quando elaborei a categoria “avulsas” para denominar pessoas que estavam na praça e não conversavam com ninguém, pretendia transmitir ao leitor as impressões e sensações que eu tinha em campo. Ao observar aquelas pessoas percebia que não socializavam com ninguém através de conversas ou jogos, como os outros que ali estavam socializavam. Dessa forma, a categoria que elaborei era comparativa em relação aos grupos de sociabilidade que ali se encontravam. No entanto, após perceber que essas pessoas se diferenciavam das outras eu tinha a tarefa de explicar para o leitor o que, na minha percepção, isso significava naquele contexto. Poderia apenas ter citado que havia essas pessoas, mas como percebi semelhanças entre elas – sozinhas, sentadas, não conversam com ninguém – achei que agrupá-las em uma categoria poderia facilitar para o leitor a compreensão sobre o que eu realmente queria apontar.
- 32 Esse exercício de elaboração de categorias e tradução para o leitor com quem dialogamos, como nos aponta Leach, não é um exercício simples. Elaborei a idéia de que a interação ocorria através de diálogos, gestos e cumprimentos, porém, não inclui em minha categorização a idéia de que essas pessoas podiam estar interagindo umas com as outras mesmo sentadas em bancos diferentes e em silêncio: pensando sobre quais eram suas profissões, o que estavam fazendo ali, se estavam esperando alguém... O processo interacional abarca inúmeros componentes. “Avulsas” foi o termo que encontrei dentro do meu repertório, que foi elaborado através do meu processo de socialização. Outros termos poderiam ter sido criados ou até mesmo nenhum. Nesse sentido, essas questões nos apontam para a complexidade da tradução da observação para a forma escrita, aspecto fundamental do relato etnográfico.
- 33 Complementando a discussão sobre o olhar do antropólogo sobre o seu objeto, Howard Becker também nos mostra que classificamos o mundo a partir de um olhar pré-informado, baseado nos nossos estereótipos sobre a sociedade. Utilizando-se do que lhe foi ensinado por Herbert Blumer, o autor destaca como ao estudarmos, por exemplo, o bairro de uma cidade ou usuários de maconha, as representações que damos aos nossos objetos estão imbuídas de nossos estereótipos.
- 34 Atribuímos significados aos relatos dos entrevistados que nem sempre são precisos e esse erro por vezes é cometido pela nossa falta de conhecimento sobre o que de fato aquela fala significa: “Na ausência de conhecimento real, nossas representações assumem o controle” (Becker, 2007, pág. 34). Assim, aprendemos com Becker como não é suficiente considerarmos que em nossas análises nossos estereótipos estão presentes. Precisamos ter o rigor metodológico de, sempre que possível, evitar que essas pré-noções governem

os caminhos da pesquisa de forma prejudicial, ou seja, imputando aos entrevistados significados e valores que não estiveram presentes em seus discursos, ações ou gestos.

- 35 Dessa forma, considerei em meu relato etnográfico que obtive alguns olhares desconfiados por parte dos idosos e babás que estavam cuidando das crianças no parquinho. Tive essa sensação, pois os olhares eram insistentes, procurando me analisar como eu tentava analisá-los. Acreditava que os olhares eram desconfiados, pois já havia visto notícias em jornais que apontavam para seqüestros de crianças em praças da cidade, e minha observação e conseqüentemente anotação sobre o que se passava no parque podia preocupar aquelas pessoas. Atribui, portanto, um significado aos gestos que eu observava, porém, sem obter dados suficientes para poder afirmar que esses eram “olhares desconfiados”. Minha impressão era de que assim o eram, mas aquelas pessoas podiam estar estranhando minhas roupas, meu cabelo, meu caderno grande e entre tantos outros elementos disponíveis a elas para formarem suas impressões sobre mim. Na tentativa de interpretar determinados gestos, imputei meus estereótipos aquelas pessoas: se eu estivesse no lugar delas, desconfiaria daquela menina sentada olhando meus filhos/netos e escrevendo em um caderno.

Mas é perigoso, é claro, especular sobre algo que poderia ser conhecido mais diretamente. O perigo é que imaginemos errado, que o que nos parece razoável não seja o que parecia razoável para elas. Corremos esse risco o tempo todo, em grande parte porque, como Blumer indicou, não somos aquelas pessoas e não vivemos nas circunstâncias delas. Tendemos, portanto a tomar o caminho fácil, atribuindo às pessoas o que pensamos que nós mesmos sentiríamos no que compreendemos como a situação delas (...). (Becker, 2007, p. 50)

- 36 Um trecho do meu relato etnográfico pode ser “bom para pensar” sobre as disputas, conflitos e incoerências em torno das normas sociais, assim como sobre o “fazer etnográfico”. Destaquei que a despeito da existência de uma placa da prefeitura proibindo a presença de ambulantes na praça, estes circulavam pela mesma vendendo sorvetes em carrocinhas. Este fato ocorria enquanto alguns guardas municipais se encontravam na praça, o que contrariava minhas expectativas. Afinal, esses guardas seriam os agentes legitimados – tanto pelos órgãos públicos quanto pela população da cidade – para fiscalizar o cumprimento desse tipo de regra.
- 37 J. Van Velsen apresentou as principais características da análise situacional. Para o autor, um dos pilares desse tipo de método reside na constatação de que as normas em uma sociedade não formam um todo coerente, mas podem ser vagas e discrepantes. Assim, um dos focos desse tipo de análise estaria no estudo das normas em conflito. Há inúmeras disputas sobre quais normas devem ser aplicadas em determinados casos ou não. Ao antropólogo não caberia, em um debate de interpretações e versões sobre um fato, decidir sobre qual posição é a correta e qual a errada, ou seja, qual norma deve prevalecer. “Para o sociólogo interessado em processos sociais, não existem pontos de vista ‘certos’ ou ‘errados’, há pontos de vista diferentes representando diferentes grupos de interesse, status, personalidade e assim por diante.” (Van Velsen, 2010, p. 465) Assim, o campo se configura como sendo concorrências por pontos de vista.
- 38 Pensando minha observação na praça através das lentes da análise situacional, não caberia a mim, antropóloga, decidir se os ambulantes estavam corretos em vender o sorvete na praça – afinal, era um dia de sol e muitos idosos poderiam se refrescar. Também não me caberia apontar que a placa da prefeitura estava correta – afinal, a presença de muitos ambulantes poderia prejudicar o espaço de socialização e lazer da praça. Seria frutífero para uma análise antropológica entrevistar os diferentes atores

envolvidos nesse jogo de disputas em torno de uma norma – os frequentadores daquela praça, os ambulantes interessados em vender seu produto, os guardas municipais responsáveis por aquele local e os órgãos da prefeitura responsáveis pela ordem pública e manutenção das praças. Através dos discursos dos *dramatis personae*, nos termos de Van Velsen, podemos compreender quais são as categorias (econômicas, políticas, morais) envolvidas em um debate que pode nos informar não apenas sobre a ação dos ambulantes na praça, mas também sobre a sociabilidade desse lugar, seus conflitos e dinâmicas.

- 39 Penso - a partir do que foi proposto neste artigo – que diferentes abordagens poderiam ter sido conferidas a análise da sociabilidade no espaço da praça, assim como do “fazer etnográfico”. Através do uso do conceito de redes poderíamos pensar como se formam os grupos de jogos e conversas na praça, qual a intensidade e frequência dessas relações, assim como seu alcance e densidade. A partir dessa análise poderia refletir sobre temas mais gerais como a apropriação do espaço público, as relações entre gerações e entre os idosos, entre outras questões que são o foco da antropologia urbana. Assim, considero que a reflexão sobre um determinado espaço geográfico da cidade pode ser extremamente frutífera para os trabalhos etnográficos.

Considerações finais

- 40 O que procurei neste artigo foi apresentar a dinâmica espacial de uma praça que diariamente abriga dezenas de idosos, localizada, por sua vez, em um bairro que tem a peculiaridade de apresentar a maior concentração de idosos do país. Procurei apresentar os diferentes tipos de sociabilidade e lazer que a praça oferece, assim como seus personagens, as pessoas que circulam, frequentam e se apropriam daquele espaço.
- 41 Pensando teoricamente o fazer etnográfico no espaço urbano, destaquei os trabalhos de Mariza Peirano e de Edmund Leach, que nos ajuda a refletir sobre o processo de tradução do que é observado para a forma escrita. Utilizei ainda as ideias de Becker para discutir como nossos estereótipos podem influenciar em nossas pesquisas acadêmicas, e ainda apontei para como Van Velsen e o método da análise situacional podem ser úteis para refletirmos sobre os conflitos entre diferentes normas e o papel do antropólogo nessa análise.
- 42 Considerando que no Brasil os idosos se encontram majoritariamente nos centros urbanos, acredito ser fundamental para o campo da antropologia urbana compreender como eles se apropriam do espaço público, a importância das redes de sociabilidade formadas no bairro para o seu envelhecimento, o relacionamento com outras gerações, entre outras questões.

BIBLIOGRAFIA

- BECKER, Howard S. **Segredos e truques da pesquisa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007
- LEACH, Edmund R. **A diversidade da antropologia**. Lisboa: Edições 70, 1982.

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

VAN VELSEN, J. A análise situacional e o método de estudo de caso detalhado. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos**. São Paulo, Unesp, 2010 .

VELHO, Gilberto. Os mundos de Copacabana. In: VELHO, G. (org.) **Antropologia Urbana: Cultura e Sociedade no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

RESUMOS

O objetivo do presente artigo é apresentar uma etnografia sobre a praça Serzedelo Correia, localizada no bairro de Copacabana, Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Como sou moradora do bairro já havia atentado em momentos anteriores para a concentração de idosos nessa praça, o que a tornou para mim um lugar fértil para investigações antropológicas, a ponto de ser objeto de um relato etnográfico. A escolha pelo bairro se dá ainda pelo fato dele ter a maior concentração de idosos do país. A justificativa para a importância de se pensar o envelhecimento em uma metrópole se encontra no fato deste ser o local onde 81% dos idosos brasileiros se encontram. Apresento ainda uma reflexão sobre o “fazer etnográfico”.

The aim of this paper is to present an ethnography of the square Serzedelo Correia, located in Copacabana, south of the city of Rio de Janeiro. Since I am a resident of the neighborhood, I had observed the concentration of elderly in this square, which became to me a fertile place for anthropological research, being the object of an ethnographic report. The choice for Copacabana is due to the fact that it has the largest concentration of senior citizens. The justification for the importance of thinking about aging in a metropolis is the fact that this is the place where 81% of elderly are. I still present a discussion on "doing ethnography."

ÍNDICE

Keywords: ethnography, elderly, urban space

Palavras-chave: etnografia, envelhecimento, espaço urbano

AUTOR

MAYARA GONZALEZ DE SÁ LOBATO

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ

E-mail: mayaralobato@hotmail.com